

História da minha ida ao “Espaço” (1/3)

- por Francisco Fernandes

Testemunhar a partida para o Espaço do W2A, foi mesmo um encontro com a História (vou continuar a escrever “história”, e não “estória”, até que a mão me doa...), por parte de quem viveu e vibrou com os feitos e catástrofes da conquista do espaço, com toda a magia, mistério e esperança de quem voou com a Laika (1957), de quem viu a Terra pelos olhos de Yuri Gagarine (1961), de quem colocou o pé na Lua com Armstrong (1969), e da dor de quem viveu a ansiedade da Apollo XIII (1971) e morreu um pouco com as tragédias do Challenger (1986) e do Columbia (2003), de quem, afinal, só a perspectiva de visitar o cosmódromo de Baikonur e assistir ao lançamento de um satélite, constitui uma ponte entre esse passado distante e o presente e futuro tecnológicos, virados para serviços terrestres prestados a 36.000 km do planeta.

Para um europeu de curtas viagens, as burocracias do passaporte já não fazem parte das rotinas habituais. A representação da República do Kasakhstan em Portugal está cometida à embaixada e ao consulado da Federação Russa em Lisboa. Os tiques burocráticos estão presentes nos procedimentos e inúmeros avisos anunciados no site oficial, os quais acabam por contrastar com a bonomia e atendimento facilitador que o nosso emissário acabou por encontrar nos serviços consulares. Mérito dele também, sem dúvida, mas cujo resultado ficou inquinado por um pormenor essencial, como adiante se verá.

Obtido o salvo-conduto, a partida para Moscovo iniciou-se em Paris, o que obrigou a uma pernoita na capital francesa. Os amigos comentaram: “*Ohhh, Paris! Oh-la-la!*”, mas não, o hotel fica mesmo dentro do terminal, com vista panorâmica para a pista do aeroporto, o que, de qualquer modo, acabou por se transformar numa facilidade para o embarque na

manhã do dia seguinte, rumo a Moscovo. Tudo normal no Hotel, excepto o facto de estarem registados dois hóspedes com o mesmo nome, o meu... Enquanto se esclarecia o mistério no balcão da recepção, um fumador viciado, ao meu lado, estava a ser informado que no Aeroporto (Roissy) Charles de Gaulle não há qualquer hipótese de comprar cigarros. Desesperado, resolve “cravar” o porteiro. Este dá-lhe uma cigarrilha. O cliente era “exigente” e perguntou se podiam ser duas. O Porteiro acedeu, sempre com aquele sorriso de compreensão que une os viciados do tabaco. O mistério das reservas fica por esclarecer. Quiseram saber se o outro FF era da minha família. Por acaso não é. Deram-se por satisfeitos. - *Et voilà votre clé, monsieur Fernandez!* – E eu: - *Merci!*

Antes do embarque para Moscovo o meu cicerone da “Eutelsat Madeira”, Giuseppe Barberis, passa uma manhã de stress (também não escrevo “estresse”!): problemas de trânsito atrapalham a sua chegada ao aeroporto, retenções em túneis parisienses cortam-lhe o telemóvel e não há satélite de comunicações que o valha... Mas lá acabou por chegar a tempo. O voo Paris/Moscovo, na Air France, dura três horas e meia. Oferecem sumos amarelos e formulários de imigração, às 9 da manhã... Nem sei qual dos dois o mais enjoativo. Tive que requerer uma 2ª via (do formulário!), pois confundi o nº do visto com o nº do passaporte. Ou terá sido ao contrário?

Foram os dois primeiros, de um total de oito formulários que a viagem ao Leste me fez preencher, quatro dos quais não foram necessários para nada, e quanto aos quatro restantes, presumo que também não.

A chegada a Moscovo tratamento *vip* para toda a comitiva de umas cinquenta pessoas, enquanto decorrem as formalidades de alfândega e fronteira.

O *transfer* para o Hotel, que nos acolherá na primeira noite, é feito em *minibus*. O programa prevê um percurso variável entre quarenta e cinco minutos e duas horas. O trânsito é denso. Para além das bermas

ostentam-se, com grande visibilidade, todas as multinacionais europeias e americanas, cujas designações, escritas em cirílico as tornam apenas vagamente familiares.

Num tapume, vejo uma série de fotos de escritores. Um grande cartaz ostenta a foto de Paulo Coelho e a legenda Паоло Коэльо.

O Ritz-Carlton é um hotel moderno e fica mesmo ao lado da Praça Vermelha. Apetece sair, mas o frio intenso e a neve que cai impedem-nos. Ao final do dia uma recepção e o descanso de algumas horas. O despertar é anunciado para as 5h30, o que no meu relógio biológico significa 2h30 da manhã.

A noite é rápida.

Um autocarro leva-nos ao aeroporto doméstico. Mais dois formulários para preencher e embarcamos num avião que já viu melhores dias. Robusto e gasto e simpático.

O voo para Baikonur dura três horas e meia, e acrescenta mais dois fusos horários aos três que já levávamos na cabeça.

À chegada um terminal impensável. Apenas um corredor coberto para a formalidade dos passaportes, uma zona coberta apenas no tecto, com cerca de 5mx6m e com uns estrados de madeira no chão, onde foram depositadas as bagagens. No exterior, uma espécie de coreto ostenta uma placa que, em russo e em inglês, determina: “Zona de fumadores”.

Dois autocarros, razoavelmente modernos esperam-nos. No interior do nosso uma surpresa: Pendurado no pára-brisas há um galhardete da Federação Portuguesa de Futebol!

Partimos a caminho do Museu Gagarin, o repositório da exploração espacial russa e internacional.

Uma lição de história que nos faz reflectir e comparar as agruras dos primeiros astronautas às sofridas pelos marinheiros portugueses que, no século XV, deram novos mundos ao mundo. O peso dos materiais a transportar individualmente, a incomodidade dos factos espaciais, os

espaços claustrofóbicos onde permaneciam em posição fetal horas e horas, o enfrentar do desconhecido as tragédias e os sucessos.

Varias fotos de Vladimir Ilyich 'Lenin' (1870-1924) apesar de não ter sido contemporâneo da exploração espacial. Já Joseph Stalin (1878-1953) que apagou, literalmente, da vida e das fotos, os seus opositores, acabou por provar o seu próprio "veneno", pois também foi apagado neste museu, não existindo ali, que eu visse, qualquer referência. Mesmo ao lado do Museu está a casa que o primeiro homem no espaço, Yuri Gagarin (1934-1968), habitou enquanto viveu no cosmódromo, marcada pelas comodidades 'espartanas'.

Ao lado do museu um Buran (vai-vem espacial russo) serve de monumento e, no seu interior, continua a mostra museológica

O cosmódromo foi construído nos anos 50 do século XX, sendo dali que partiu o 1º satélite soviético (Sputnik, 1957). Os soviéticos, para despistar os inimigos, deram-lhe o nome de Baikonur, uma pequena cidade que dista 470 km do local. O nome persistiu e a cidade ali construída herdou-o. A instalação ocupa uma vasta zona completamente desértica (até tem alguns camelos passeando por lá, para o lembrar) de 88 km x 160 km. Uma imensa pista de aterragem que recebeu o *Space Shuttle* russo, Buran.

De seguida dirigimo-nos ao Proton Club de onde assistiremos ao lançamento do Foguetão com mesmo nome e que transporta o W2A.

O Proton já protagonizou 344 lançamentos desde 1965, sendo aquele a que vamos assistir o 50º desde que a ILS (International Launch Services) detém o exclusivo comercial dos lançamentos com o Proton.

O foguetão tem 58,2 m e pesa 702 toneladas.

Dentro de cada um de nós a contagem decrescente já tinha começado.

Faltavam 4 horas para o lançamento.

(...)

História da minha ida ao “Espaço” (2/3)

- por Francisco Fernandes

(...)

No interior do Proton Club está preparado um jantar recepção.

Boa forma de fazer passar o tempo.

Todos tentam disfarçar o nervosismo. Uns comem, outros bebem, outros jogam ténis-de-mesa, outros acumulam. Os dois portugueses presentes optam por uma partida de *snooker*. Resultado 1-1.

Cerca de uma hora e meia antes do lançamento tem lugar, no auditório do Proton Club uma apresentação das empresas envolvidas: os construtores do Proton, os construtores do satélite W2A, os exploradores dos serviços satelares: ILS, Eutelsat, Solaris Mobile e ThalesAlenia.

Faltavam 30 minutos para o lançamento e já toda a gente se mexia das cadeiras do auditório.

A sessão acabou e dirigimo-nos para o terraço. Numa zona do globo em que a temperatura varia entre -45°C e +45°C, a noite está estranhamente amena, com 18°C, o céu limpo, uma neblina reduzida e, com binóculos, é possível ver o Proton pronto a partir. O lançamento será a 8 km de distância do local onde nos encontramos, por razões de segurança, entre as quais protecção ao ruído. Note-se que o satélite, durante a sua construção, é sujeito a vários testes, entre os quais sua resistência ao ruído, o qual é calculado como o ruído provocado pela descolagem de quatrocentos B747 em simultâneo. Dá para fazer uma ideia!

Faltavam 22 minutos.

A ILS responsável pelo lançamento tem uma transmissão em directo pela televisão. É montado um aparelho no terraço. No ecrã é possível ver a imagem do *rocket* e a contagem decrescente.

Faltavam 12' para o *lift off*.

Cruzamos os dedos, olhos fitos na distância.

Faltam 10 segundos diz a *pivot* do programa de televisão, e vai descontando até zero...

O céu fica cheio de amarelos e vermelhos, com a explosão da ignição.

São 22h24' em Baikonor, 17h24' na Madeira.

A partir deste momento em que alguém carregou no botão de partida, 25% da propriedade da exploração do W2A é da INTELSAT Madeira.

As exclamações nervosas dos presentes acompanham os primeiros segundos do lançamento.

Ainda não há abraços, porém.

22h26', dois minutos após o lançamento, o engenho ainda é visível e separa-se o primeiro andar do Proton. Primeiros sinais de alegria dos presentes.

22h29'26", com cinco minutos e vinte e seis segundos de viagem, o comentador da televisão informa que a separação do segundo andar ocorreu com sucesso e 23" depois separam-se as protecções do satélite.

22h33'35", separa-se o terceiro andar.

Agora já podemos dar os abraços, cautelosos, é certo, mas mesmo assim de satisfação.

A partir daí o motor do satélite teria 5 ignições.

A primeira, durante 4'20", ocorre 11'39" após o lançamento. Chega a informação de que decorreu com sucesso. Mais palmas.

O mesmo em relação à 2ª, durante 17'03", 1h05'58" após a saída. Mais aplausos.

Dirigimo-nos para o hotel Sputnik, que fica a 80 km. Consta que foi construído por uma empresa com sede na Zona Franca da Madeira, mas não o consegui confirmar.

A 3ª e a 4ª ignições, cerca de 3h depois do lançamento são igualmente bem sucedidas.

A 5ª só viríamos a saber na manhã seguinte, pois ocorreria 8h49'30" depois do lançamento, a que se seguiria um dos momentos cruciais, em

que ocorreria a separação do motor do satélite e este entraria em órbita geoestacionária.

Ao pequeno-almoço, depois de uma noite rápida, bebemos champanhe. A separação final decorreu com sucesso e o satélite já está em órbita. Durante o dia, ainda no Kazakhstan, recebemos a informação de que duas das antenas já se abriram, com sucesso.

O seu funcionamento só será testado no dia 9 de Abril. Até lá os dedos continuam cruzados, mas a nervoseira vai passando.

Este 50º lançamento da ILS com um Proton transporta o 1º Satélite de Banda-S da Europa. O W2A tem uma missão de banda tripla (Ku-band, C-band e S-band).

De regresso a Moscovo, as formalidades burocráticas em Baikonur implicam o preenchimento de mais dois formulários que, afinal, não foram necessários. Após três horas meia de voo com dois fusos horários a descontar, aterrámos em Moscovo.

Numa formalidade que se destinava a ser facilitadora, deixámos os passaportes no controlo e, depois, um polícia circulava pela sala VIP para os devolver aos respectivos proprietários, tentando identificar-nos pela foto...

Comecei a achar estranho que, tendo sido o segundo passageiro a 'controlar' o meu passaporte, este nunca mais era devolvido.

Estava ainda longe de saber o que me esperava.

Por isso, não perca o próximo episódio!

(...)

História da minha ida ao “Espaço” (3/3)

- por Francisco Fernandes

(...)

Quando já todos os passaportes tinham sido entregues (menos o meu) chamaram-me para, através de uma interprete, dizer que o meu visto não estava conforme com o devido, ou seja, não era um “dual-visa” que me permitiria entrar na Rússia duas vezes, mas um visa simples que só dava para uma vez. Ora como eu já tinha entrado uma vez, dois dias antes, e tinha saído para o Kasakhstan, não podia voltar a entrar.

Fazia sentido, mas não gostei.

Mas que não me preocupasse, bastava provar que tinha uma passagem marcada para sair de Moscovo.

– Sim tenho voo daqui a três horas, - informei à intérprete.

Dei-lhe o comprovativo electrónico. As duas guardas conferenciaram com o polícia da sala durante algum tempo, os três com cara de caso.

Afinal só a passagem não bastava, era mesmo preciso um visto. Mas que não me preocupasse, pois no aeroporto internacional havia sempre um cônsul de serviço, iam mandar-lhe o passaporte e ele dava o visto. Coisa rápida. Mais conferências, telefonemas e esperas.

A restante comitiva já tinha abalado para o aeroporto internacional. O Giuseppe Barberis e uma intérprete ficaram a acompanhar-me.

Vieram as (más) notícias. Como era sábado o cônsul estava de fim-de-semana. Para chegar ao aeroporto demorava quatro horas.

Novas conferências e telefonemas. Chega mais um polícia, gordinho, que se passeia com o meu passaporte pela sala. Uma das guardas dos passaportes deixa o balcão e vem para a sala. Reparo que tem saltos de 15 cm, meias pretas e mini-saia... Uma pessoa naquelas ocasiões tem que se distrair.

Nova reunião de polícias.

Surge uma luz do fundo do túnel. Alguém teve ideia de me levar como “trânsito” para o outro terminal. Assim não chegava a “entrar” em Moscovo. Acho que foi ideia da polícia da mini-saia, que entretanto desapareceu. Voltou uns minutos depois. Continuava com os 15 cm, mas agora estava de botas. Nas mãos traz um saco de plástico azul. Devem ser os sapatos, suponho.

Dizem que devo acompanhá-la, numa viatura, e levar comigo a mala de porão. Eu, ela, o gordinho e um motorista. Não deixam que a intérprete me acompanhe, apesar de ir embarcar no mesmo avião do que eu. Os que me levam só falam russo, o que deixa tida a gente apreensiva.

E lá vamos pela placa, a caminho de outro edifício. Carrego a mala (pesada) por vários lances de escada até chegar a um novo balcão. Mandam-me sentar numa cadeira ao lado de uma máquina ATM, o que me fez desconfiar. E vão conferenciar com outra polícia. Ao fim de alguns minutos, a das botas saiu pelo corredor do lado direito, com o meu passaporte na mão. A do balcão foi para o lado esquerdo com o bilhete electrónico. O gordo desapareceu.

Fiquei só. Esperei uns dez minutos, o gordo voltou, com o passaporte e, a do balcão, com o bilhete. Não me ligaram. A das pernas (pronto, já disse!) não voltou a aparecer. A do balcão faz-me sinal para me dirigir a um controlo de segurança. Ainda perguntei:

- *My passport? My ticket?*

E ela: - *Da, da!*

- Já dei – resmunguei entre dentes.

Mais duas polícias. Pedem-me o passaporte e o cartão de embarque. Digo com gestos que não tenho, nem sei onde estão. O gordo voltou a eclipsar-se e a do balcão também. Voltam a conferenciar. Entretanto mandam-me tirar os sapatos e o cinto, e passar o controlo. Obedeço. Inspeccionam-me a bagagem de mão com minúcia. Ficam

particularmente curiosas com um foguetão de 15 cm, em miniatura decorativa com que a ILS celebrou o seu 50º lançamento.

Aparece uma polícia baixinha com o meu passaporte e manda-me segui-la. Vou atrás, arrastando a mala... Também tem saltos de 15 cm, mas nenhum dos outros atributos da sua colega desaparecida em combate.

Levam-me num carro. Eu, ela, outro polícia e um motorista. Andamos alguns quilómetros dentro do aeroporto, com destino ao terminal internacional. Volto a subir escadas e mais escadas, em esforço. A mala parece que aumenta de peso em cada degrau. No final, um controlo. Mandam-me tirar os sapatos, o cinto... Ainda pensei em explicar, não sei como, que, depois do último controlo idêntico, estive sempre acompanhado por um polícia. Desisti da ideia quando vi que um polícia também estava a ser revistado por outros polícias.

E mais escadas.

À porta de um gabinete, a baixinha usou de uma vez só todo o seu vocabulário em inglês, e disse:

- *Wait here!*

Ela entrou e eu esperei.

Na porta havia um guarda de mau aspecto, com bigode ao estilo do Borat, que me olhava desconfiado e me mirava de cima a baixo.

A baixinha voltou. Olhou para a mala como se a visse pela primeira vez, abriu muito os braços, querendo dizer que era muito grande.

– E se visses o peso... – pensei eu.

Abanou a cabeça em sinal de desaprovação e fez-me sinal para a seguir.

Lá fui eu atrás dela.

Parou noutra gabinete. – *Wait here!*

Eu esperei. Voltou. Trouxe a “avó” dela. A “avó” olhou demoradamente para a mala. Voltou a entrar no gabinete e regressou ao corredor com o “bisneto”. Falaram em russo e apontaram para a mala.

O rapaz deve ter ficado com alguma incumbência, pois disse:

- *Follow me!*

E eu fui atrás dele.

Voltámos à zona do *Borat*.

- *Wait here!* – disse o rapaz.

Eu esperei. Ele entrou. Nesta altura já andava nisto há duas horas. A contar leva menos tempo, garanto.

Voltou alguns minutos depois e pediu-me: - Passport and boarding card?

Quase gritei: - *I don't have! And I don't know where they are!*

- *Wait here* – disse ele.

Deve ter ido com a 'bisavó'. Voltou algum tempo depois com os documentos. Pediu-me a mala e informou que a ia levar ao check-in.

- *Wait here!*

Esperei.

Voltou uns minutos depois, deu-me o passaporte, o cartão de embarque, o talão da bagagem, indicou-me a porta 15, e despediu-me de mim tão afectuosamente como se fosse meu neto. Eu próprio que estava mesmo numa de abraços ao ver o assunto resolvido, retribuí.

Foi directo para a cadeira mais perto da porta de embarque e aconcheguei os documentos com o olhar.

- Oh não!... - murmurei incrédulo, olhando o talão da bagagem.

O meu voo era para Paris, mas a minha mala tinha sido despachada para Lisboa...

- F.....!!

Deixei assim e resolvi usar o "plano B" que trazia a tiracolo.